



O REALISMO ANIMISTA EM AS ANDORINHAS, DE PAULINA CHIZIANE E EM HISTÓRIAS DE LEVES ENGANOS E PARECENÇAS, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

THE ANIMIST REALISM IN AS ANDORINHAS, BY PAULINA CHIZIANE AND IN HISTÓRIAS DE LEVES ENGANOS E PARECENÇAS, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Renata Soares Veloso¹

Alba Valéria Niza²

Recebido em: 23 jul. 2019

Aceito em: 30 nov. 2019

DOI 10.26512/aguaviva.v4i3.26272

RESUMO: Este artigo tem por objetivo pontuar as semelhanças na escrita das autoras Paulina Chiziane e Conceição Evaristo, no que toca ao uso do realismo animista na composição de suas obras. A análise dos textos será fundamentada na teoria do realismo animista proposta por Harry Garuba em seu ensaio “Explorações no Realismo Animista: notas sobre leitura e escrita da literatura, cultura e sociedade africana”, bem como de outros artigos e dissertações que tratam do tema.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Cultura Africana. Paulina Chiziane. Realismo animista.

ABSTRACT: This paper aims to point out the similarities found in the writings of authors Paulina Chiziane and Conceição Evaristo, regarding the use of animist realism in their works. The analysis will have as foundation the theory of animist realism, also called animist materialism, proposed by Harry Garuba in his paper Explorations in animist materialism: notes on reading/writing African literature, culture, and society, as well as other papers and dissertations that discuss the same theory.

Keywords: *Conceição Evaristo*. African culture. Paulina Chiziane. Animist realism.

¹ Possui graduação em Letras - Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros (2015) e Especialização em Ensino de Língua Inglesa pela UFMG (2018). Atualmente é mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail: rveloso258@gmail.com

² Doutora em Letras pela PUC Minas (2013); mestre em Letras - área Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas (2007); graduada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros (1998). Atualmente, é professora da graduação e do Programa de pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, das Faculdades Integradas do Norte de Minas - FUNORTE, ocupando também o cargo de Coordenadora Didática do Curso de Letras Português/Espanhol desta e professora de Português do curso de Administração da FUNAM, de Pirapora- MG. E-mail: albavniza@yahoo.com.br



A literatura africana sempre foi terreno fértil para aparições de criaturas e feitos sobrenaturais, incidindo, portanto, a constante presença da literatura dita como literatura fantástica ou maravilhosa. O escritor Pepetela e o professor Harry Garuba cunharam um termo e desenvolveram uma teoria, respectivamente, que veio refinar e recatalogar o sobrenatural nas narrativas africanas: o realismo animista. Antes de passarmos à teoria sobre o realismo animista, falaremos um pouco do fantástico e maravilhoso, o que facilitará a compreensão do porquê das literaturas africanas e, mais recentemente, da produção literária da escritora brasileira Conceição Evaristo, de modo como se encaixa no gênero animista em vez do maravilhoso, como se defendia.

Em seu livro *O fantástico*, Selma Calasans Rodrigues usa o termo *lato sensu* para se referir à literatura fantástica em seu sentido amplo³. O próprio termo fantástico (do latim *phantasticu*; e este, do grego *phantastikós*) significa algo que é imaginário, fabuloso, que não existe na realidade⁴. Portanto, podemos afirmar que o gênero fantástico, em seu sentido mais amplo, envolve tudo o que não pertence ao mundo real. Tal opinião é compartilhada por Maria Cristina Batalha, que nos diz que

[n]a verdade, o fantástico não pode ser enfeixado em uma categoria literária monolítica, porque ele supõe um conjunto de gêneros, subgêneros e categorias que a ele se vinculam – e com os quais tem em comum a recusa do real por parte do autor –, tais como o “sobrenatural” e o “irreal”, que remetem mais especificamente ao conto de fadas ou ao maravilhoso, assim como ao horror, e, mais modernamente, à ficção científica; o “mistério”, associado a um gênero bem definido que é o romance policial; o “absurdo”, que define uma categoria particular do fantástico com relação à sua temática e introduz uma ruptura total com os valores do nosso mundo, que é negado em sua totalidade⁵.

Uma vez estabelecido que o fantástico *lato sensu* abarca a literatura produzida por milênios, da antiguidade até os dias de hoje, passemos ao estudo do gênero em seu sentido mais restrito. Aqui, o fantástico passa a versar sobre o homem e seu medo do desconhecido, deixando de lado deuses e seres sobrenaturais. Para Rodrigues, os temas do fantástico, antes relacionados ao religioso, sofrem laicização⁶. Márcio Sá pontua:

³ cf. RODRIGUES, 1988, p. 14.

⁴ cf. RODRIGUES, 1988, p. 09.

⁵ BATALHA, 2005, p. 06.

⁶ cf. RODRIGUES, 1988, p. 38.



[o] desconhecido e o imprevisível seriam aliados do sonho na criação de um mundo não real ou espiritual. Assim, fatos não explicáveis através da ciência, mas pertinentes ao mundo real constituiriam o foco da narrativa fantástica⁷.

Freud, em sua obra *O estranho (Unheimlich)*, teoriza que o fantástico se utiliza do inconsciente e do sonho para compor sua narrativa. Defende que o estranho é “a categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar”⁸. Assim, pode-se dizer que o estranho acontece quando algo que nos é familiar adquire aspecto de desconhecido, provocando medo e estranheza.

Para Todorov (1975), o fantástico puro, ou *stricto sensu*⁹, acontece quando um fenômeno presente na narrativa faz o leitor hesitar: não é possível a ele escolher entre uma explicação lógica (pois assim se desfaria o fantástico e se instalaria o estranho) e admitir a ocorrência de um fato puramente sobrenatural (assim, teríamos o maravilhoso). Em seu livro *Introdução à Literatura Fantástica* (1970), Todorov nos dá como exemplo de hesitação diante de um acontecimento fantástico uma passagem da obra *O Diabo Apaixonado*, escrita por Cazotte: “Álvaro vacila, pergunta-se (junto com ele também o faz o leitor) se o que lhe acontece é certo, se o que o rodeia é real. ‘Terei dormido? Serei bastante afortunado como para que tudo não tenha sido mais que um sonho?’”¹⁰.

No fantástico puro defendido por Todorov, tal hesitação é fundamental. A ausência da hesitação, a certeza de ser o fato uma ocorrência sobrenatural ou passível de explicação pelas leis naturais impossibilita a presença do fantástico. Assim, o questionamento do narrador, o uso de expressões tais como “será um sonho?” e “terei dormido?” são condições para a existência do fantástico. De fato, para Bellemin-Noel, o fantástico é “uma técnica narrativa ou maneira de contar”¹¹. O maravilhoso, assim, não poderia ser excluído de uma análise sobre o fantástico, uma vez que são gêneros vizinhos¹².

Chamamos de maravilhoso, na Literatura, a ação de seres sobrenaturais e de deuses no destino do homem. Como mencionado anteriormente, o fantástico e o maravilhoso não se distinguem nas antigas narrativas; a separação se deu no século XVIII. Em seu livro *O*

⁷ SÁ, 2003, p. 18.

⁸ cf. FREUD *apud* SÁ, p. 65.

⁹ RODRIGUES, 1988.

¹⁰ TODOROV, 1975, p. 15.

¹¹ BELLEMIN-NOEL *apud* SÁ, 2003, p. 10.

¹² cf. TODOROV, 1975, p. 25.



Fantástico, Rodrigues cita Barine, para o qual o escritor alemão E. T. A. Hoffmann foi o responsável pela separação do fantástico e do maravilhoso¹³.

Em sua obra *Unheimlich*, Freud nos explica que o autor tem autonomia para escolher seu mundo de representação. Pode escolher representar o mundo real ou afastar-se dele em variados graus¹⁴.

De fato, Todorov nos fala dessa graduação do afastamento do real para dentro do território do maravilhoso. Ele nos fala sobre o fantástico-maravilhoso, tipo de narrativa em que os fatos se apresentam como fantásticos, ou seja, onde há hesitação, mas se termina por aceitar tal fato como um acontecimento sobrenatural, maravilhoso¹⁵.

Já no maravilhoso puro, não há hesitação ou dúvida presente na narrativa. O mundo de representação é sobrenatural, o que não provoca admiração ou estranheza, tendo como exemplo clássico os contos de fada, em que uma abóbora é transformada em carruagem, cujos animais podem falar e os tapetes voam.

Em seu artigo “Explorações no Realismo Animista: notas sobre leitura e escrita da literatura, cultura e sociedade africana” (2012), Harry Garuba defende que o realismo animista é um gênero mais amplo, que abarcaria o maravilhoso, que seria seu subgênero¹⁶.

O realismo animista é definido por Garuba como “uma manifestação de um inconsciente animista, que opera através de um processo que envolve o que descrevo como um reencantamento contínuo do mundo”¹⁷. Garuba defende que o inconsciente animista se faz presente em toda a sociedade africana, como parte de sua cultura. Apesar de se utilizar de mitos religiosos, da materialização de deuses e espírito, Garuba pontua que o realismo animista não pode ser classificado como religião, uma vez que admite uma elasticidade de valores que religiões monoteístas não permitiriam. Ele nos escreve:

[a]o contrário do Cristianismo e do Islamismo, por exemplo, que se referem a religiões particulares, o animismo não indica nenhuma religião em específico. Mais do que isso é uma designação mais abrangente para um modo de consciência religiosa, que na maioria das vezes é tão elástica quanto a necessidade que o usuário tenha de alongá-la.¹⁸

¹³ cf. RODRIGUES, 1988, p. 54.

¹⁴ cf. FREUD, *apud* RODRIGUES, 1988, p. 55.

¹⁵ cf. TODOROV, 1975, p. 29-30.

¹⁶ cf. GARUBA, 2012, p. 246.

¹⁷ GARUBA, 2012, p. 238.

¹⁸ GARUBA, 2012, p. 239.



Percebemos que, diferentemente do realismo mágico ou maravilhoso em que a ocorrência sobrenatural não se explica — sendo simplesmente aceita pelo que é — podemos dizer que os acontecimentos fantásticos do realismo animista se explicam pela cultura arraigada no inconsciente da sociedade africana. Sob tal perspectiva, concordamos com os autores Garuba e Pepetela que defendem o animismo em vez do maravilhoso para representar as narrativas africanas.

As escritoras Paulina Chiziane, moçambicana, e Conceição Evaristo, brasileira, escrevem sobre a cultura africana em Moçambique e no Brasil. As obras das duas autoras são entremeadas por representações animistas, uma vez que tais representações, como apontado por Harry Garuba, fazem parte do inconsciente africano, seja do africano nascido e criado na África ou dos que descendem daqueles que vieram em grilhões para o Brasil.

Analisaremos dois contos de Paulina Chiziane, presentes no livro *As Andorinhas*: “Maundlane – O criador”, e “Mutola”. O primeiro conto narra a estória do menino Chitlango, criado pela mãe e pela avó e que mais tarde se torna órfão. A avó dizia que ele havia sido rei em uma vida anterior, chamando-o de Chivambo: “Tu és o grande Chivambo, não te esqueças disso. É o senhor valente que conduziu os homens à batalha!”¹⁹. Após a morte da mãe e da avó, o garoto parte da aldeia em que vive e, depois de correr o mundo e tornar-se bem sucedido na América, volta à sua terra para lutar contra a exploração colonial, fazendo jus às palavras de sua avó ao conduzir os homens à batalha. Após anos de luta, Chivambo é morto em uma explosão. Ao acordar, vê sua avó e percebe estar morto. Revê sua mãe, presencia seu funeral e ouve as orações que lhe são dirigidas.

Por todo o conto, podemos perceber a presença do realismo animista na conversa de Chivambo com seus antepassados, seus sonhos de uma vida anterior ao presente, a valorização dos mitos e mesmo sua passagem de homem a espírito-deus, a quem as pessoas oprimidas que continuam a lutar contra a barbárie dos colonizadores dirigem uma prece ao final do conto. Chiziane usa como recurso o animismo, assim como o fazem muitos escritores africanos, ao incluir “seus ancestrais, espíritos e animais que falam nas histórias, lendas folclóricas e nos contos recentemente inventados, a fim de expressar suas paixões, sua estética e sua política”²⁰.

No conto “Mutola”, que fecha o livro *As Andorinhas*, a autora começa a narrativa com uma fábula em que uma águia é criada como galinha e só consegue tomar voo depois de ser incentivada por um biólogo algumas vezes.

¹⁹ CHZIANE, 2013, p. 57.

²⁰ GARUBA, 2012, p. 244.



O conto prossegue narrando a estória de Lurdes que, ao contrário das moças de sua idade, não quer namoros e vestidos. Lurdes prefere treinar o corpo e jogar futebol. A garota persevera, apesar do ciúme e da oposição de seus colegas e superiores e se torna uma grande jogadora. Assim como a águia da fábula que abre o conto, Lurdes é então incentivada por um homem que a viu jogar: “— Menina, tu és uma águia! Tu pertences ao céu e não à terra. Abre as tuas asas e voa!”²¹. E assim como a águia da fábula, Lurdes vence a hesitação e sai voando, porque “ela era, afinal, uma águia de ouro”²². As águias são comparadas às andorinhas como filhas da liberdade, e:

[...] por isso, cada vez que passa uma águia, as andorinhas bailam no céu e a terra inteira levanta os olhos para o alto em êxtase e delírio: “Obrigado Mutola, que encarnaste o espírito de Mondlane, e te lançaste no voo da águia! Que transformou o próprio corpo em Chivambo. [...] Obrigado, Mutola, águia dos deuses!”²³

As andorinhas estão presentes em todo o livro como materialização da liberdade ansiada pelo povo. O voo da moça-águia é também a materialização do desejo de liberdade das amarras da sociedade em que Lurdes vive, que se considera no direito de decidir por ela o que deve ou não fazer, do que pode ou não gostar. A materialização da ideia de liberdade por meio do voo caracteriza-se como animista, uma vez que “dar um aspecto material ou uma existência material ao que talvez sejam somente ideias ou estados de espírito na maneira através da qual o animismo impõe uma dimensão espiritual a objetos materiais”²⁴.

O livro de contos *Histórias de Leves Enganos e Parecenças*, da escritora brasileira Conceição Evaristo, nos traz o realismo animista de forma acentuada, porém mais materializada do que nos contos de Chiziane, sem perder o caráter espiritual da cultura africana. No conto “Inguitinha”, a autora nos apresenta a uma personagem chamada Inguitinha Minuzinha Paredes. Inguitinha era vítima de zombaria por causa de seu nome e, embora fingisse não se importar com a petulância dos que insistiam em perguntar seu nome com finalidade de fazer galhofa, acumulou dentro de si tamanha irritação que se materializou em parede:

[...] e quando um idiota qualquer se postou diante dela com a debochada pergunta, o dito nem conseguiu ouvir resposta a costumeira. Em fração de segundos lá estava o sujeito derrubado no chão [...]. Uma parede imensa

²¹ CHIZIANE, 2013, p. 93.

²² CHIZIANE, 2013, p. 94.

²³ CHIZIANE, 2013, p. 95.

²⁴ GARUBA, 2012, p. 244.



repentinamente desabou, tão misteriosamente como havia surgido entre os dois, jogando o sujeito por terra²⁵.

A materialização da irritação de Inguitinha pode ser vista, com base no que propõe Garuba como um dos temas do realismo animista, uma vez que “este hábito de dar uma dimensão concreta a ideias abstratas, era uma prática usual dentro da cultura africana”²⁶.

Em “A Moça de Vestido Amarelo”, mais um conto do livro de Evaristo, nos deparamos com o conceito de elasticidade religiosa característico do animismo. Sãozinha, uma garotinha de sete anos, se preparava para a primeira comunhão, sonha com uma moça de vestido amarelo, “a moça que ela via sempre e que alguns de sua família entendiam como sendo uma amiga imaginária da menina”²⁷. A única pessoa da família que sabia de quem se tratava a moça de amarelo era a avó da menina, dona Iduína. Na hora da comunhão, uma luz amarela surge sobre a criança numa materialização da deusa e na hora de rezar a Ave-Maria, a menina “cantou outro cumprimento”²⁸. As meninas, embora tenham sido criadas dentro dos preceitos da religião católica, tinha visões e sonhos com a deusa Oxum, numa referência ao inconsciente animista da cultura que herdou de seus antepassados, inconsciente que:

[c]ondiciona o ser e estrutura a subjetividade em um nível que vai muito além da crença religiosa. Uma das maneiras mais importantes em que isso ocorre é através da exclusão da orientação dualística de religiões monoteístas e de sua lógica de binarismo e exclusividade²⁹.

Percebemos no trabalho das duas escritoras o uso do realismo animista como forma de expressão da cultura africana, mesmo que feita a partir de continentes diferentes. Paulina Chiziane focaliza na relação com os antepassados e na simbologia da liberdade materializada em andorinhas e águias, enquanto Conceição Evaristo materializa sentimentos e ideias, além da aparição da deusa em um feixe de luz sobre a cabeça de Sãozinha. O realismo animista, presente nos contos das duas autoras, cria um mundo espiritualizado que, aliando a tradição e a modernidade, dá voz aos anseios de um povo que valoriza passado, presente e futuro.

²⁵ EVARISTO, 2016, p. 19.

²⁶ GARUBA, 2012, p. 244.

²⁷ EVARISTO, 2016, p. 23.

²⁸ EVARISTO, 2016, p. 25.

²⁹ GARUBA, 2012, p.243, nota de rodapé.

**REFERÊNCIAS**

- BATALHA, Maria Cristina. A literatura fantástica: um protocolo de leitura. **Cadernos neolatinos**, Rio de Janeiro, a. 4, n. 3, set. 2005. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a4n3/mariacristina_batalha.pdf> Acesso em: 08 ago. 2017.
- CHIZIANE, Paulina. **As andorinhas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- GARUBA, Harry. Explorações no realismo animista: notas sobre a leitura e a escrita da literatura, cultura e sociedade africana. Tradução de Elisângela da Silva Tarouco. **Nonada Letras em Revista**, Porto Alegre, n.19, ano 15, p.235-256, 2012.
- RODRIGUES, Selma Calasans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.
- SÁ, Márcio Cícero de. **Da literatura fantástica** (teoria e contos). 2003. 141f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.